

ANATOLE FRANCE

OS REIS MAGOS



FREE BOOKS

ANATOLE FRANCE

OS REIS MAGOS

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS

FÁBULAS E LENDAS

Título: OS REIS MAGOS.

Autor: Anatole France (1844 – 1925).

Tradutor: Autor desconhecido do séc. XX. Fizeram-se breves adaptações textuais.

Fonte: “Revista da Semana”, edição de 25 de dezembro de 1915.

Imagem da capa: James Tissot (1836 – 1902).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 58.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e 43, *caput* da Lei nº 9.610/1998).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,
<http://www.contosdeterror.com.br/>

Sumário

OS REIS MAGOS.....5

SOBRE O AUTOR.....10

OS REIS MAGOS

Anoitecia. Já as comitivas dos Reis armavam, nas areias do deserto, as tendas de púrpura para os Soberanos. No céu azul acendiam-se os lumes das constelações e a estrela divina da anunciação brilhava, indicando o itinerário da jornada. Havia dez dias que os Monarcas caminhavam, guiados pela estrela divina, e a fadiga principiava a alquebrá-los. Quantos dias ainda seria necessário andar até que alcançassem a criança divina, que nascera na Judeia para transformar o mundo e salvar a humanidade?

Os três, sentados nos dromedários, olhavam silenciosamente a estrela. Um mesmo pensamento e uma mesma dúvida parecia invadi-los.

Finalmente Baltasar, estendendo para a estrela a mão senil, onde brilhavam os topázios e

as ametistas dos anéis, voltou-se para Gaspar e perguntou:

— Acreditas tu que não seremos vítimas de uma grande ilusão?

Gaspar, que era ingênuo e crédulo, suspirou, abriu o manto de púrpura e bateu sobre o peito com a mão escura.

— Acredito que uma vontade superior nos conduz a um destino que não entrevejo.

Belquior, cujas barbas brancas ondeavam sobre o peito, sacudidas pelo vento ardente do deserto, disse:

— Tudo na vida é ilusão!

Baltasar apontou de novo a lâmpada celeste, que cintilava no azul do firmamento.

— Mas a estrela existe e nos guia os passos!

Belquior tornou:

— Sempre as estrelas brilharam no céu, guiando os passos dos homens para Deus.

Gaspar calara-se porque o intimidavam as conversas transcendentais dos Reis sábios, que discutiam sempre, através da jornada, os arcanos insondáveis da Divindade. Sua fé cândida não o deixava sofrer os tormentos da dúvida, que continuamente agitavam as consciências dos seus reais companheiros. Para si próprio, Gaspar dizia que era inútil discutir e que, silencioso, chegaria ao mesmo tempo que Baltasar e Belquior ao mesmo destino para que todos caminhassem unidos, guiados pelo mesmo sinal celeste, mandados pela mesma autoridade ignota.

Baltazar, porém, prosseguia nas suas considerações filosóficas, voltado para o solene Belquior:

—É, pois, necessário que Deus envie um emissário à terra para fazer cumprir os seus desígnios e executar a sua obra? Que pensas tu

que possa fazer entre os homens uma criança sem trono e sem exército?

Belquior meditou por instantes e respondeu:

— Ele destruirá a força que se apoia nos exércitos, o poder que se senta nos tronos. Igualará os homens na mesma fraqueza.

— E na mesma ignorância? — interrogou Baltazar, sombrio.

— Ou na mesma sabedoria!

Calaram-se. Inteiramente a noite caíra. Sobre as areias infinitas do deserto estendia-se o velário azul do céu, recamado de estrelas. Os reis, sentados nos dromedários, eram apenas sombras indecisas na sombra que escurecia a terra. Só o céu brilhava como uma realidade sobre a sombria ilusão do mundo.

— Que pensas tu, Gaspar? — indagaram ao mesmo tempo Belquior e Baltazar, em cujas almas entrara a inquietação do desconhecido.

Gaspar levantou a cabeça, que inclinara sobre o peito, surpreendido de que a sabedoria precisasse de saber o que pensava a Ignorância.

Demoradamente, procurou a resposta para a interrogação dos companheiros

— Como posso eu saber mais do que vós, que todo o tempo pensais, procurais a verdade, mas sem encontrá-la? Não estamos aqui juntos, no mesmo caminho? Sempre vos venerei como superiores a mim na vossa ciência, no poder da vossa força. Agora me sinto vosso igual porque não tendes mais do que eu e não sabeis mais do que eu. Nossos reinos cabem naquelas tendas armadas na areia. Era talvez isto que Deus nos queria ensinar nesta viagem.

SOBRE O AUTOR

Anatole France, pseudônimo de Jacques Anatole François Thibault (1844 – 1924), poeta, dramaturgo, contista e romancista francês, foi membro da Academia Francesa de Letras e ganhador do Nobel de Literatura em 1921. O breve conto “Os Reis Magos” foi originariamente publicado na revista “A Semana”, edição do Natal de 1915.